

A auto-organização da Família Silva e suas estratégias de agroecologia



Dona Ednalva e seus filhos Tone Carlos, José Leandro e José Francisco no roçado

Localizado em terras que já foram cenário do cangaço de Lampião e Maria Bonita, o município de Poço Redondo em Sergipe, faz parte da bacia leiteira do Alto Sertão Sergipano composta por sete municípios. A 41 km da sede do município, no Povoado Berro Grosso, vive dona Ednalva da Silva (55 anos) e seus filhos, Tone Carlos da Silva (36 anos), José Leandro de Freitas (35 anos) e José Francisco de Freitas (28 anos).

Há 29 anos, moram no povoado Berro Grosso, e, desde então, ocorreram acontecimentos que mudaram os caminhos da família. A matriarca da família, dona Ednalva é agricultora e artesã que não teve acesso à educação, ela fala que sua educação foi com **“a enxada, foice e machado”**. Já seus filhos aprenderam a ler e escrever numa casa improvisada que servia como escola, prática de alfabetização bastante comum na zona rural, e concluíram o ensino médio no povoado Santa Rosa. Na área agrícola nunca fizeram nenhum curso técnico ou faculdade, apenas foram aprendendo como se dava o manejo de cada cultura. **Tone Carlos ressalta: “a formação em agricultura que fizemos, foi passada de geração para geração, a vida deu a capacidade para nós”**.



A jornada da família é marcada por idas e vindas para Sergipe. Em 2001, os 3 filhos tiveram que interromper os estudos para trabalhar no Pará junto ao pai. Porém em meio às dificuldades encontradas no trabalho, retornaram para o povoado Berro Grosso, dois anos depois. Entre as viagens, os irmãos Tone Carlos e José Leandro viajaram para São Paulo em 2009, com o objetivo de trabalhar e montar uma dupla sertaneja. Os planos com a música não deram certo e retornaram para Sergipe no mesmo ano, mas o sonho de ter ao menos uma das 40 composições gravadas permanece vivo entre os irmãos. Entre o período de 2013 a 2020, Tone Carlos retornou para trabalhar em São Paulo com pintura. Mesmo na cidade, ele reutilizava os baldes de tinta para plantar hortaliças (cebolinha, coentro, alface, couve, pimentão) para o próprio consumo.

Com uma área de terra de 0,75 hectares, a família iniciou, em 2020, o plantio de alface, tomate salada e tomate cereja. **“Como já nascemos mexendo com o solo e produzindo nele, e vendo tudo nascer, não sentimos dificuldades em iniciar o plantio das hortaliças”**, conta José Leandro. O plantio de hortaliças e sementes crioulas (milho branco, milho vermelho, milho ponta de agulha, feijão de corda e fava) na propriedade da família Silva é feito seguindo os princípios da agroecologia. Para José Leandro, **“quem produz com agrotóxicos, não quer saber se sua qualidade de vida vai melhorar”**. O seu pai, Lionildo, já usou agrotóxicos há alguns anos, mas ele conscientizou o filho de que **“se você quiser saúde um dia, não chegue nem perto de uma bomba de veneno”**.



José Leandro e Tone no canteiro de coentro



Família Silva no roçado de milho crioulo

Mesmo sem ter ouvido falar sobre a agroecologia e dos princípios que norteiam essa temática como ferramenta de oposição ao agronegócio, a família de dona Ednalva já praticava a agroecologia em seu agroecossistema, com: interações entre solo, plantas e animais; manutenção da fertilidade do solo e o desenvolvimento saudável das plantas, por meio de práticas como: rotação de culturas e consorciação de culturas; produção sustentável sem utilizar insumos químicos que possam degradar o ambiente, e com uso da adubação orgânica.

Há alguns anos, a cultura predominante no povoado era o amendoim e a mandioca. Nesse período, havia uma casa de farinha em um outro povoado e as famílias se deslocam em carroça de boi para realizar o beneficiamento da mandioca. Porém, devido à falta de informações técnicas sobre o manejo do amendoim e da mandioca, essas culturas deixaram de ser produzidas pelas famílias.



A família cria a raça de ovinos nativos Santa Inês, que é bastante explorada na região Nordeste do país por possuir uma boa adaptabilidade para as condições semiáridas da região. A criação de ovinos é, uma das principais alternativas para produtores do semiárido para melhoria da renda. Mesmo morando no município considerado o maior produtor de leite do estado, a família tem a visão de que criar animais de pequeno porte tem algumas vantagens como: adaptabilidade a pequenas propriedades e às condições climáticas do semiárido; possui ciclo curto de produção, o que permite maior retorno do capital investido; o fácil trato na alimentação, entre outras. A família também cria em sua propriedade galinhas caipiras para o consumo familiar.

Os Silva ainda criam abelhas mandaçaia em cortiços, também conhecido como ocos das árvores. Essa é uma espécie brasileira que se desenvolve muito bem na Caatinga, e preservá-la é preservar o patrimônio natural do semiárido. Mandaçaia é uma palavra indígena que significa “vigia bonito” (mandá: vigia/çai: bonito). Isso porque se pode observar no orifício de entrada da colmeia uma abelha sempre presente, ou seja, a vigia. O mel da abelha mandaçaia é um excelente remédio medicinal. A comercialização é feita sob encomenda, em garrafas de 750ml vendidas por R\$ 150,00 a R\$ 200,00.



Cortiços das abelhas mandaçaia



Ovinos nativos Santa Inês

A produção agroecológica do quintal produtivo da família Silva conta com uma diversidade de plantios sendo eles: sorgo do cacho preto e amarelo, feijão de corda, feijão de arranque, fava, amendoim, abóbora, melão coalhada, melancia, batata-doce, duas variedades de quiabo o liso e o quina, cenoura, beringela, beterraba, alface, couve, coentro, abobrinha, salsinha, rabanete, alho-poró, tomate e pimentão.



Tone Carlos na área do plantio de batata-doce e feijão de arranque



As fontes de abastecimento de água durante o verão são através da cisterna de 16 mil litros do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), usada para consumo da família, e o barreiro, que foi construído pela própria família, utilizado para o plantio de hortaliças e para os ovinos. Com a chegada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) em 2024, a família foi beneficiada com a cisterna calçadão, tecnologia social que servirá como outra fonte de água para produção de alimentos.

A comercialização está sendo planejada pelos irmãos, que pretendem montar uma barraca na beira da pista. Até lá, os produtos dos roçados vão ser comercializados de três formas: entregues para duas feirantes da cidade de Pedro Alexandre (BA); vendidos de porta em porta por outra pessoa; e através da venda diretamente na propriedade. Eles não comercializam na feira livre do povoado Santa Rosa porque os três irmãos dividem as tarefas do roçado e o cuidado com o pai de 96 anos, o que inviabiliza a comercialização.

O artesanato também está presente na vida da família. Os irmãos fazem da linha e madeira, alguns artesanatos. Um faz crochê, renda, fuxico, macramê, o outro faz rede de pesca de arrasto, três malhas, tarrafa, e o mais novo faz peças em madeira e bonsais de árvores.



Rede de pesca do tipo tarrafa; sapato em crochê e trator confeccionado em madeira

Entre os desafios que ainda existem na unidade familiar, é notório que a comercialização/marketing é algo que deve ser investido. Mesmo passando os produtos para outra pessoa, eles não são conhecidos na região como produtores agroecológicos. Tone sonha que ele e sua família possam ser reconhecidos como os meninos que plantam hortaliças. Entre os sonhos da família Silva, está a ampliação da criação de abelhas mandaçaia em um apiário e, a criação de outra espécie de abelha, a Jataí; a faculdade em engenharia agrônoma; e a construção de canteiros econômicos, tecnologia social que demanda uma pequena quantidade de água para a produção de alimentos.

A família Silva é um exemplo de como a agricultura e a agroecologia pode transformar a vida do povo no campo através da convivência sustentável, socialmente justa e economicamente viável com o semiárido, e que o agricultor tem um jeito de ser, de viver e de produzir. Mesmo não fazendo parte de nenhuma organização ou movimento social, é visível como a auto-organização familiar contribuiu para que o agroecossistema se tornasse um modelo de unidade familiar para a comunidade local.